

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DA INICIATIVA 'FAIXA E ROTA'

PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AS PART OF THE BELT AND ROAD INITIATIVE

Luís Filipe Pestana*

luisfilipepestana@bnu.edu.cn

A língua portuguesa encontra-se numa fase de grande expansão na República Popular da China (RPC). Os contactos económico-comerciais têm levado a que cada vez mais chineses procurem cursos de língua portuguesa como forma de aceder a melhores oportunidades de trabalho. A iniciativa Faixa e Rota, apresentada pelo presidente Xi Jinping (Zhang 2017), veio exacerbar esta situação: a inclusão do mundo lusófono nesta grande estratégia faz com que haja uma maior procura por profissionais de diferentes áreas que falem português.

É fundamental compreender o que é a iniciativa Faixa e Rota e como pode afectar o ensino da língua portuguesa na RPC. Partindo da situação actual do idioma, existem propostas que podem ser postas em prática nos próximos anos para responder às necessidades do mercado chinês reforçando o papel da língua portuguesa na região da Ásia-Pacífico.

Palavras-chave: Iniciativa Faixa e Rota. Língua portuguesa. Grande estratégia.

The Portuguese language has been expanding in the People's Republic of China (PRC). The present state of the economic and commercial relations between China and the Portuguese speaking countries has led to a greater demand for Portuguese language courses, as a way of accessing the job market more easily. President Xi Jinping (Zhang 2017) presented the Belt and Road Initiative signalling that the inclusion of the Portuguese language in this grand strategy will lead to a rising interest in hiring individuals that know it.

To understand what is the Belt and Road Initiative and how it may influence Portuguese language teaching in the PRC is a starting point to propose actions that

* Maxdo College – Universidade Normal de Pequim, República Popular da China.

may contribute to the strengthening of the Portuguese language's role in the Asia-Pacific region and adapt to the Chinese job market.

Keywords: Belt and Road Initiative. Portuguese language. Grand strategy.



1. Grande estratégia: o que significa?

A definição de grande estratégia tem vindo a sofrer algumas mutações ao longo dos anos. Um dos primeiros registos significativos daquilo que representa uma grande estratégia surgiu no séc. V a.c.. Tucídides, estrategista e autor ateniense, relatou a Guerra do Peloponeso (431 a.c. – 404 a.c.) com enorme detalhe, dando-nos a conhecer a complexidade do sistema de alianças em torno das duas potências regionais da época: Esparta e Atenas (Tucídides 2008). Este conflito, que culminaria com a vitória espartana, serve ainda hoje de exemplo para todos aqueles que se debruçam sobre esta temática. Muito mais do que o relato de tamanho conflito armado, é uma obra central que toma em consideração as questões diplomáticas, financeiras e internacionais das partes em conflito, para além da conjuntura dos atores em diferentes períodos de paz ou trégua. Kagan (2005) comparou este conflito com a Guerra Fria. Na perspectiva deste autor, o relato de Tucídides oferece uma base sólida de análise dos sistemas de alianças do século XX:

Although the Peloponnesian War ended more than twenty-four hundred years ago it has continued to fascinate readers of every subsequent age. (...) its greatest influence as an analytical tool may have come during the Cold War, which dominated the second half of the twentieth century, and which likewise witnessed a world divided into two great power blocs, each under a powerful leader. Generals, diplomats, statesmen and scholars alike have compared the conditions that led to the Greek war with the rivalry between NATO and the Warsaw Pact. (Kagan 2005, p.xxiii).

De um modo geral, Tucídides abriu caminho para que autores como Liddell Hart e Clausewitz abordassem esta temática. Contudo, no começo, tratava-se de uma expressão intrinsecamente ligada ao conceito de guerra ou conflito armado. Sun Tzu (Sun Zi 孫子), décadas antes da obra magna do autor grego, dava ao mundo um dos mais importantes tratados de estra-

tégia militar, *A Arte da Guerra*. Apesar de ser uma obra aplicada a várias áreas de actividade, “limita-se” a oferecer uma análise profunda daquilo que é a estratégia militar (Sun Tzu 2006). Hart (1967), partindo dos germânicos Clausewitz e Helmuth von Moltke, definiu “grande estratégia” como ir mais além do que ganhar uma guerra. Clausewitz (2008), por exemplo, considera que uma estratégia engloba uma ação ou envolvimento (militar) que visa ter influência numa guerra. Contudo, para Clausewitz qualquer ação militar deve ter em consideração os limites psicológicos e éticos decorrentes do conflito, assim como dos resultados possíveis derivados do planeamento prévio desse envolvimento (Clausewitz 2008, p. 133). Partindo destes pressupostos, Liddell Hart avança com uma definição de grande estratégia, ou seja, a capacidade de coordenar e direccionar todos os recursos de uma nação ou grupo de nações tendo em vista alcançar os objetivos de uma guerra (Sayle 2011). Trata-se de uma definição algo insuficiente, pois reduz o conceito de grande estratégia a um grande plano aplicado exclusivamente a um cenário de luta armada. Investigadores, por exemplo, John Lewis Gaddis (2009) e Paul Kennedy (2000) têm procurado alargar o espectro no que diz respeito à sua aplicação.

Actualmente, uma grande estratégia não implica qualquer conflito armado, mas pode envolver um conjunto de políticas e ações que visam atingir um objetivo maior. Esta proposta parte de John Lewis Gaddis um dos responsáveis pelas aulas de Grande Estratégia na Universidade de Yale. O próprio Gaddis relaciona a grande estratégia com o uso dos meios que temos à nossa disposição para alcançar aquilo que pretendemos:

Our knowledge of it is chiefly from the realm of war and statecraft, because the fighting of wars and the management of states have demanded the calculation of relationships between means and ends for a longer stretch of time than any other documented area of collective human activity. But grand strategy need not apply only to war and statecraft: it's potentially applicable to any endeavor in which means must be deployed in the pursuit of important ends. (Gaddis 2009, p. 7)

Tendo em consideração a definição deste conceito, podemos desde já considerar que a República Popular da China (RPC), tem vindo a desenvolver a sua própria grande estratégia. Como iremos ver, o presidente Xi Jinping tem feito da sua iniciativa Faixa e Rota o cerne daquilo que a China pretende para o século XXI (Xi 2017). Uma vez que se trata de um projeto a longo-prazo e que terá um potencial impacto político, económico e social

para o resto do mundo, a educação, como seria de esperar, também tem um papel fundamental a desempenhar. No caso específico do ensino de línguas estrangeiras na RPC, o português poderá beneficiar com esta grande estratégia, sendo que poderemos assistir a uma nova fase de popularização do português em solo chinês.

2. Faixa e Rota: breve contextualização

Em 2013, o presidente Xi Jinping revelou alguns detalhes da grande estratégia chinesa para o século XXI. Em Astana, capital do Cazaquistão, o presidente Xi expressou a ambição de desenvolver uma faixa ao longo da antiga Rota da Seda, tendo em vista o aprofundar da cooperação sino-europeia (Xi 2013a). Em Outubro desse mesmo ano, em Jacarta, Xi mostrou-se determinado em chamar à mesa de negociações os seus parceiros do Sudeste Asiático (Xi 2013b). De acordo com a sua visão estratégica, apenas trabalhando conjuntamente com estes Estados é que será possível construir a Rota da Seda Marítima para o Século XXI (Tian 2015). Os primeiros passos já foram dados: foram identificados seis corredores económicos que deverão ligar a Rota e a Faixa; foram criadas instituições financeiras que ajudarão a China a obter fundos para os seus projetos, como são os casos do Banco Asiático de Infraestrutura e Investimento (sigla inglesa, AIIB¹) e o Fundo Rota da Seda (sigla inglesa, SRF²); e, finalmente, a publicação pela Comissão de Desenvolvimento e Reforma do plano de implementação da iniciativa. Como explica Michael Clarke, Pequim já investiu vastas quantias de dinheiro para que este projeto avance (Clarke 2017, pp. 71-72).³

Esta liderança chinesa em direção a uma maior integração mundial, está aliada a uma melhoria significativa da sua imagem no exterior. Desde o começo do processo de abertura, iniciado por Deng Xiaoping em 1978, que a RPC tem vindo a ganhar o seu espaço na cena internacional. Para além da melhoria das suas relações com os seus Estados vizinhos, Pequim tem feito um esforço notável por fortalecer os seus contactos com diferentes partes do mundo. O caso da África Subsaariana é dos mais paradigmáticos. Ao longo de mais de 50 anos, a RPC reforçou a sua posição na região e, nos últimos 25 anos tal avanço tem-se reflectido ao nível da ordem internacio-

1 *Asian Infrastructure Investment Bank.*

2 *Silk Road Fund.*

3 \$40 mil milhões no Cinturão Económico, \$25 mil milhões na Rota da Seda Marítima e \$50 e \$40 mil milhões no AIIB e no SRF, respetivamente.

nal estabelecida pelos Estados Unidos da América. Em 2015, havia cerca de 50 mil estudantes africanos na RPC, representando 13 % dos alunos estrangeiros neste país (Breeze & Moore 2015). Nos grandes fóruns multilaterais, como a Assembleia-geral ou o Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a China tem conseguido impor as suas propostas desde os anos 90 face à oposição do mundo ocidental encabeçado por Washington (Pestana 2013, pp. 48-52). Parte da razão para este sucesso prende-se com o apoio vindo dos Estados subsaarianos. As fortes relações sino-africanas e o facto de estes países votarem tipicamente em bloco (Pestana 2013, p. 48), levam a que a RPC tenha estabelecido uma forte posição nestes fóruns.

O peso da sua economia também levou à criação de novos espaços de debate, como são os casos dos BRICS (2011) ou, no que toca aos países de língua oficial portuguesa, o Fórum Macau (2003).

Presentemente, a China encontra-se envolvida em negócios e parcerias a nível mundial, focando-se nas mais diversas áreas (energia, telecomunicações, construção civil, banca, etc.). Xi Jinping veio acelerar o processo de expansão da influência chinesa, acentuando a importância da globalização. Em 2017 no Fórum Económico Mundial, o presidente Xi prometeu manter as suas políticas globalistas numa altura em que a administração Trump dá sinais de entrar num período de maior protecționismo e isolacionismo (Parker 2017). Assim, é natural que a iniciativa Faixa e Rota possa vir a ser uma das principais políticas de globalização da primeira metade do século XXI.

No caso dos países de língua oficial portuguesa, é inegável que terão um papel a desempenhar nesta iniciativa. Nunca é demais lembrar que há um grande nível de interdependência nas relações sino-lusófonas: Angola e Moçambique são dois parceiros fundamentais para Pequim na área dos recursos naturais, como são os exemplos do petróleo e das madeiras (Macahub 2018; Pestana 2013); o Brasil, mesmo com a grave crise político-financeira que atravessa, tem um peso importante no âmbito da América do Sul e dos seus mecanismos regionais (como o Mercosul); Portugal é visto como uma porta de entrada na Europa, sem esquecer o “factor Macau” que tanto contribui para a manutenção das relações sino-portuguesas.

O compromisso chinês com a globalização, como fica demonstrado, levará a que a iniciativa Faixa e Rota demore o seu tempo até atingir a sua plenitude. Uma das grandes necessidades chinesas, como tal, é ter à sua disposição um conjunto de profissionais que respondam às necessidades comunicativas de Pequim. Assim sendo, a língua portuguesa terá o seu próprio espaço neste âmbito. Como iremos verificar, porém, não se trata

de algo exclusivo ao nosso idioma. A RPC tem vindo a investir fortemente noutras línguas algo que se reflectirá.

3. A aprendizagem de línguas estrangeiras na China: uma necessidade estratégica

O mandarim é a língua materna mais falada do mundo, com um crescente número de aprendentes dentro e fora da RPC. Em 2016, cerca de 443 mil estudantes estrangeiros estavam na China a estudar, na sua maioria a frequentar cursos de mandarim (China Daily 2017b). Através dos dados do Instituto Confúcio sabemos que mais de 7 milhões de aprendentes já passaram por esta instituição. Atualmente, há perto de 2 milhões e 100 mil estudantes de chinês. No total, há 516 Institutos Confúcio espalhados pelo mundo em 142 países, sendo que 135 se encontram em 51 países ao longo da Faixa e Rota (China Daily 2017a). São números impressionantes e que prometem aumentar nos próximos anos. Contudo, o governo chinês desde cedo reconheceu as limitações da sua língua. Já em 1978 tinha ficado patente, às altas chefias chinesas, que o mandarim não seria suficiente para lidar com um mundo cada vez mais globalizado e em necessidade de indivíduos conhecedores de pelo menos uma língua estrangeira.

Desde essa época que o investimento nas línguas estrangeiras tem vindo a aumentar ao ritmo da abertura e do progresso económico chinês. No começo, havia uma clara preocupação em formar funcionários públicos com vastos conhecimentos de inglês. De resto, o número de aprendentes da língua inglesa ultrapassa os 20 milhões anuais (Martínez & Marco 2010, p. 9). No entanto, dada a dimensão do número de utilizadores deste idioma no território chinês, não é possível estabelecer uma comparação que seja equiparável aos desafios que o português tem pela frente. Como tal, propomos uma análise centrada noutros idiomas que têm registado um crescimento significativo nos últimos anos, nomeadamente, o espanhol e o francês. Também tentaremos demonstrar, através de exemplos, que a aprendizagem da língua portuguesa parte de uma necessidade e não de um conhecimento ou curiosidade em torno do português. Aquilo que iremos verificar é que há diversos idiomas (como os casos do polaco ou do sérvio) que também se encontram em fase de expansão no Império do Meio e que não têm uma dimensão mundial, como é o caso do espanhol.

3.1. A língua espanhola

O mundo hispano falante é um dos que mais peso tem na economia global. Segundo os últimos dados (2017) é a segunda língua com mais falantes nativos com 477 milhões de pessoas, sendo apenas superada pelo mandarim com 950 milhões (*El País* 2017). Na China, em 2014, havia 67 universidades com cursos de espanhol. A popularidade desta língua recebeu um incentivo importante no ano de 2006 com a abertura do Instituto Cervantes em Pequim. Para além das suas funções pedagógicas, o Instituto Cervantes é responsável pela realização dos exames de proficiência DELE, para além de contar com a biblioteca Antonio Machado. Este espaço tem um acervo de mais de 18 mil entradas sendo o seu acesso livre e gratuito, a que se agregam 80 pontos de leitura, três computadores e um televisor (Instituto Cervantes 2018).

Também o número de alunos inscritos anualmente em cursos de espanhol tem vindo a aumentar. No ano 2000 apenas 500 estudantes se encontravam a frequentar cursos de Filologia Hispânica ou Estudos Hispânicos. Em 2013 este número aumentou para cerca de 13 mil (Lu 2015). É preciso considerar dois factores fundamentais para esta mudança: primeiro, as trocas comerciais entre a China e o mundo hispânico registaram um aumento significativo. Se excluirmos o México, o maior parceiro de negócios dos Estados latino americanos é a RPC, ultrapassando os EUA (Torres & Woods 2018).⁴ O próprio investimento chinês nessa parte do mundo sofreu um aumento na última década, tendo os empréstimos relacionados com programas de desenvolvimento chegado a \$140 mil milhões. O próprio ministro dos Negócios Estrangeiros, Wang Yi, declarou que a América Latina é já o segundo maior destino do investimento externo chinês (Kaplan 2018). Em Maio de 2017, o primeiro-ministro Li Keqiang visitou Espanha e junto do presidente do Governo Mariano Rajoy reafirmou o papel fundamental que o “país vizinho” representa para a União Europeia. Como tal, Li propôs reforçar os laços entre os dois Estados (State Council 2017). De referir que o comércio bilateral sino-espanhol alcançou a cifra dos 30 mil milhões de euros (Cánovas 2017).⁵ Todos estes dados ganham especial importância uma vez que a Espanha é já um dos centros cruciais para o comércio chinês

4 As exportações mexicanas para os EUA alcançaram os \$303 mil milhões face aos \$5.4 mil milhões para a China (dados referentes a 2016).

5 A Espanha regista um défice nas trocas comerciais com a China, valor que rondará os 18 mil milhões de euros.

em torno da Nova Rota da Seda, graças à ferrovia de mercadorias que liga Yiwu, Zhejiang a Madrid (AFP 2014).

De acordo com Pardo (2017), uma das prioridades espanholas para a região da Ásia-Pacífico é reforçar as trocas comerciais e o investimento. Contudo, a China é apenas o 12º parceiro comercial de Espanha, assim como o 11º maior investidor externo. Para além do reforço dos laços comerciais e um aumento do fluxo de investimento, o Palácio da Moncloa pretende reforçar a sua imagem, que já é positiva na região. Entre os diversos vectores que têm contribuído para esse *soft power* é o da língua e da cultura espanholas, mesmo que o país não seja bem-conhecido (Pardo 2017).

3.2. A língua francesa

O caso da língua francesa também demonstra uma tendência semelhante. Segundo a página da Alliance Française (2018), o primeiro centro na China Continental desta instituição abriu em Cantão em meados dos anos 80. Entretanto, já há 15 centros espalhados por toda a China, como em Chongqing, Xangai, Pequim, Chengdu, Xi'an e Hong Kong. Outro dado importante é que já em 2008, Peskine (2008) referia a existência de mais de 170 instituições a ensinar francês. Mais uma vez, o principal factor que guia a crescente popularidade da língua gaulesa em território chinês é a economia. Não nos podemos esquecer que, apesar de ser uma língua com menos falantes nativos do que o espanhol ou o árabe, o mundo francófono abrange todos os continentes. O caso africano é de especial importância para a política externa de Pequim uma vez que tem vários acordos e protocolos firmados com Estados da África francófona. A África Ocidental registou importações no valor de \$18 mil milhões e exportações de cerca de \$4.3 mil milhões no período de 2009 a 2012 (Pigato & Gourdon 2014, p. 9). No que diz respeito à França, e apesar do défice comercial com a RPC (30 mil milhões de euros), o presidente da República, Emmanuel Macron, procurou reforçar a existência de uma relação *win-win* com a China aquando da sua visita a este país. Nessa ocasião, Macron disse que é importante que a França tenha um papel mais ativo no desenvolvimento da iniciativa Faixa e Rota (Boboc 2018).

3.3. Outros exemplos: polaco e sérvio

Os dois exemplos acima apontados não são distintos de outras línguas de menor dimensão na RPC. Com o avançar da iniciativa, outros idiomas começam a ganhar relevância para a grande estratégia chinesa. Os casos do sérvio e do polaco são representativos dessa necessidade. No caso da língua polaca, a linha transiberiana que liga Chengdu a Lodz (Polónia) já representa um importante papel no comércio de mercadorias para a Europa. Ainda que esta ligação ferroviária não seja nova, o facto de atravessar o enclave russo de Kaliningrado é uma novidade (Van Leijen 2017). A questão sérvia, centra-se na vontade de Xi Jinping, em tornar este país balcânico num polo para a troca de mercadorias, uma espécie de hub para os Balcãs. O presidente Xi, aquando da sua visita à Sérvia, prometeu um investimento na região na escala dos \$900 mil milhões, sendo que a pequena cidade industrial de Smederevo estará no epicentro (Surk 2017).

Como consequência direta do avanço na frente económica, estas línguas encontram-se numa fase de ascensão na RPC. No entanto, é preciso destacar que a presença das línguas sérvia e polaca em território chinês não é algo novo. Por exemplo, Tomasz Ewertowski (2017) faz uma reflexão interessante sobre o contacto entre viajantes polacos e sérvios e o povo do nordeste da China (*Dongbei* 东北) no contexto ideológico do começo do século XX. Em 2014, havia 785 estudantes chineses a frequentarem cursos em universidades polacas (Study in Poland 2016). Ainda que o número de alunos não pareça significativo, têm sido envidados esforços para que esse número aumente e responda às necessidades chinesas. Nesse sentido, a Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (sigla inglesa SISU) abriu o seu curso de licenciatura em Língua Polaca. De acordo com a página da universidade, a Polónia é hoje uma porta de entrada que liga a China à Europa. Também desempenha um papel ativo na iniciativa Faixa e Rota. Como tal, o Centro de Estudos Polacos irá contribuir para o reforço dos laços culturais e educativos entre o Império do Meio e os países da Europa Central e de Leste (Ma, Yu, Yang & Zhou 2017). Não é demais realçar que é uma das principais instituições de ensino superior chinesas, no que toca ao estudo de línguas e com uma forte presença no campo da Ciência Política.⁶

Com respeito à língua sérvia, as perspectivas são igualmente positivas. Em 2016, o ministro da Educação Chen Baosheng encontrou-se com o seu congénere sérvio Mladen Sarcevic. Nesse encontro ficou claro que a RPC

⁶ Foi fundada em 1949 e foi a primeira universidade dedicada aos Estudos Estrangeiros no período após a criação da RPC.

pretende reforçar a sua posição no âmbito da cooperação cultural através do ensino da língua (Ministry of Education 2016). Tal facto, também está refletido na construção do novo centro cultural chinês de Belgrado, um edifício que servirá de polo de ensino de mandarim para os Balcãs (Ekapija 2017).⁷

Os exemplos acima expostos têm como objetivo demonstrar que o desenvolvimento do ensino das línguas estrangeiras deve-se, principalmente, a razões de foro económico e político. Contudo, há outros factores que devem ser tidos em consideração. De acordo com Fernandes (2017), existe um interesse geral dos estudantes chineses em aprender línguas estrangeiras e uma postura intercultural significativa⁸, para além do reconhecimento da importância do contexto de imersão linguística para essa aprendizagem. De resto, há um grande empenho da parte dos diferentes governos envolvidos em fomentar a cooperação com Pequim. Trata-se de uma forma de garantir ganhos económicos importantes e, ao mesmo tempo, de promover a cultura e o *soft power* de um Estado no exterior.

Como veremos no próximo capítulo e com mais detalhe, o caso da Língua Portuguesa insere-se perfeitamente na geopolítica e geoestratégia da RPC. Assim, é importante sabermos qual é a situação atual do português neste país e que respostas as autoridades portuguesas podem dar, de forma a aproveitar esta oportunidade única.

4. A Língua Portuguesa: passado, presente e futuro

Os avanços registados no ensino da Língua Portuguesa na China, nem sempre foram sistemáticos nem o ritmo foi sempre igual. É necessário clarificar que a atual popularidade que há em torno do deste idioma, é um fenómeno com menos de 20 anos e que se encontra diretamente correlacionado com o processo de abertura ao mundo da RPC. Assim, podemos identificar dois períodos: o primeiro de 1960 até ao começo do século XXI e o segundo até aos dias de hoje.

A primeira licenciatura em Língua Portuguesa abriu em 1960. Naquele ano, o Instituto de Radiodifusão de Pequim (IRP) deu início às suas aulas e em dezembro o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim abria um curso intensivo de Língua Portuguesa. O período da Revolução Cultural

7 O projeto ronda os \$45 milhões. Quanto ao local de construção, será o mesmo onde se encontrava.

8 Refere-se ao caso da língua portuguesa.

iniciado em 1966 veio travar os primeiros avanços do ensino deste idioma em território chinês. Citando o caso do IRP, esta instituição apenas reabriria a sua licenciatura em 2000. Contudo, em 1973 o português recebeu um importante incentivo à expansão: o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim deu começo ao seu próprio curso de Língua Portuguesa (Wang 2001). Com o fim deste período revolucionário, Deng Xiaoping procurou devolver a normalidade ao funcionamento das instituições de ensino superior. Em 1977, Deng decidiu reabrir os exames de acesso ao ensino superior, algo que trouxe consigo a abertura do Instituto de Línguas Estrangeiras de Xangai, hoje denominado Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. O objetivo do presidente Deng foi melhorar o conhecimento técnico e científico dos chineses. Trata-se de um momento de grande importância não só para a Língua Portuguesa, como também para o desenvolvimento da inteligência chinesa. Dessa Turma de 1982 saíram, entre outros, os atuais líderes chineses Xi Jinping e Li Keqiang (Pestana 2013, pp. 36 – 37).

Contudo, tal não significou um aumento explosivo do número dos cursos de Língua Portuguesa. Para além das licenciaturas disponibilizadas pelo Instituto Politécnico de Macau (IPM) e pela Universidade de Macau (UMAC), a China Continental ainda apresentava uma oferta educativa muito limitada e centrada nas suas principais metrópoles, ou seja, Pequim e Xangai (Yuan, 2014, p. 9).⁹ Felizmente, o panorama mudou rapidamente a partir de 2005.

Presentemente, há 32¹⁰ universidades na China Continental que dão à escolha cursos de Língua Portuguesa. Estes tanto são licenciaturas (22) como cursos que funcionam em regime de minor (10). No caso específico do Maxdo College de Pequim¹¹, o programa atual dá a possibilidade de os alunos se inscreverem numa licenciatura em Direito ou Negócios Internacionais e, em simultâneo, de terem aulas de uma língua estrangeira de quatro à escolha (alemão, espanhol, francês e português). No final de quatro anos de curso, receberão um diploma equivalente a um “double major” (Pestana 2017). Trata-se de uma resposta diferente a uma das necessidades do mercado de trabalho chinês, ou seja, preparar os alunos numa determinada área ao mesmo tempo que aprendem uma língua que lhes permite abrir novos horizontes. Podemos considerar que é um dos prin-

9 Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, Universidade de Comunicação da China e Universidade de Estudos Estrangeiros da China (Yuan 2014, p. 9).

10 Dados mais recentes apontam para existência de 37 universidades com cursos de Língua Portuguesa, podendo chegar a 50 nos próximos anos (Público 2017).

11 Instituição que o autor representa há mais de um ano e meio.

cipais aspetos que preocupam a administração Xi-Li. Por outras palavras, não basta que os novos profissionais formados nas universidades tenham um vasto conhecimento em línguas necessárias: é igualmente importante que tenham uma base forte em áreas que são fundamentais quando lidamos com outros povos e culturas e que afectam profundamente a forma como é conduzida uma política externa. Assim, qualquer aluno que tenha concluído os seus estudos em áreas como Direito, Economia, Ciência Política, Engenharia, etc, tem uma vantagem comparativa na procura de trabalho, se for um falante fluente de uma segunda língua.¹² O aumento no número de universidades que oferecem cursos de Língua Portuguesa tem também um reflexo no número de alunos. Actualmente há cerca de 2500 aprendentes de Língua Portuguesa, um número que não tem em consideração aqueles que aprendem este idioma em institutos ou escolas de línguas (Leitão 2016).

Do ponto de vista institucional, a Língua Portuguesa conta com a presença do leitorado pertencente ao Instituto Camões. Neste momento, na China Continental, temos três leitores de português (Pequim e Xangai), desempenhando funções de ensino e de promoção ativa da cultura portuguesa. Ao nível dos centros de Língua, a Universidade de Comunicação da China (UCC) conta com um Centro de Língua Portuguesa desde 2005. Este espaço foi o resultado da colaboração entre a UCC e o Instituto Camões através do Instituto Português do Oriente (IPOR). Em 2007, foi a vez da SISU inaugurar o seu próprio centro em Xangai (Camões 2018).

A realidade da China Continental, contudo, ainda não se compara ao que podemos encontrar em Macau. No que diz respeito ao acesso a materiais, por exemplo, não existe uma grande biblioteca a que professores e aprendentes possam aceder facilmente. No IPOR, a biblioteca Camilo Pessanha contém mais de 20 mil títulos que contribuem fortemente para a divulgação da língua e cultura lusófona na região da Ásia Pacífico (IPOR, 2018). Como vimos anteriormente, a realidade na China Continental também não é favorável quando comparamos com outras línguas, sendo o caso da biblioteca Antonio Machado do Instituto Cervantes o mais paradigmático.

Contudo, há um dado positivo que podemos afiançar para o futuro da língua portuguesa. Uma das grandes falhas do ensino do português na China prende-se com o professorado. Dos dados recolhidos, o número de professores com doutoramentos concluídos ainda é muito reduzido. Como agravante, alguns leitores não têm formação académica relacionada com

12 Como veremos esta será uma das vertentes a explorar.

o ensino de línguas estrangeiras¹³, o que leva a algumas limitações decorrentes desse facto. Nos próximos anos, o número de professores chineses detentores de doutoramento irá aumentar (10 ou 12). O facto de muitos procurarem as instituições de ensino superior portuguesas para prosseguir os seus estudos dá mais valor ao seu trabalho. Com o tempo, tal como em Portugal, os leitores estrangeiros deixarão de ser tão procurados, uma vez que o professorado chinês terá a preparação necessária para não depender desses profissionais.

Tudo isto deve-se, principalmente, ao ambiente económico actual. O grande interesse da China pelo mundo lusófono e, conseqüentemente, pela Língua Portuguesa na segunda metade do século XX e começo do século XXI, deveu-se ao processo de abertura chinês. Contudo, a forma com Pequim aborda cada um dos países de língua oficial portuguesa é distinta. Tomando como exemplo os casos de Angola e Moçambique, verificamos que o interesse por estes países encontra-se ligado aos seus recursos naturais. Ambos atravessaram longos períodos de guerra¹⁴ que destruíram os respetivos territórios. Além disso, ambos são ricos em matérias-primas, algo que interessa ao governo chinês. À medida que a economia chinesa evolui, vai necessitar de cada vez mais recursos para que a sua taxa de crescimento não sofra uma descida brusca. No caso de Angola, por exemplo, a relação de parceria com a China, permitiu ajudar na reconstrução do país através de um sistema de empréstimos em condições preferenciais.¹⁵ Em troca, Luanda paga estes empréstimos através da exportação de recursos, com destaque para o petróleo (Pestana 2013, p. 132).¹⁶ Por seu turno, Portugal é um país apetecível por duas razões: em primeiro lugar, é um Estado-membro da União Europeia (UE). Deverá, assim, ser proveitoso para Portugal a manutenção dos contactos ao mais alto nível com Pequim, promovendo uma maior cooperação nas áreas tecnológica e científica (Pereira 2015, pp. 68-69). Para a China, é fundamental manter uma relação próxima com os diferentes países da UE tendo em vista o sucesso da

13 O autor desempenhou funções de leitor de português na Universidade Normal de Harbin (2014-2016). Neste período, encontravam-se naquela universidade três leitores estrangeiros, sendo que nenhum detinha qualquer formação ao nível do ensino das línguas estrangeiras.

14 A Guerra Civil Angolana estendeu-se de 1975 até 2002 (Pestana, 2013, pp. 181-197) e a Moçambicana de 1977 a 1992 (Chabal & Birmingham 2002, p. 193).

15 Também conhecidos por empréstimos concessionais.

16 O Japão aplicou o mesmo método com a China no anos 70 do século passado (Brautigam 2009, pp. 46-47). Hoje, é conhecido como *Angola Mode* e é uma das formas usadas pela RPC para obter recursos de uma forma fácil na maioria dos países que recebem empréstimos concessionais chineses.

sua grande estratégia. É, do ponto de vista de Pequim, um grande mercado que é necessário aproveitar. Em segundo lugar, Portugal atravessou um período de crise que expôs as fragilidades do Estado em manter intactos alguns sectores estratégicos. O caso da energia é de especial importância, pois Portugal é um dos líderes mundiais na área das energias renováveis (Sarmiento 2018).¹⁷ Todos os negócios ou todas as parcerias estabelecidas com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) acabam por levar a China a ter de investir em profissionais que garantam uma comunicação fluída e sem entraves provocados pelas diferenças culturais existentes.

Em suma, a situação da Língua Portuguesa na China Continental atravessou diferentes fases. Num primeiro momento, houve vários constrangimentos ao desenvolvimento do ensino do português, nomeadamente, de foro político (como a Revolução Cultural). Porém, com a abertura económica da China e o maior envolvimento com os países de língua oficial portuguesa como parte da Iniciativa Faixa e Rota, o interesse pelo português tem vindo a aumentar. Ainda há diversas limitações (formação de professores, acesso a materiais, etc.) que terão de ser superadas para que o estatuto desta língua chegue a um novo patamar. Apesar de muito depender da vontade de quem está no terreno, não podemos descurar aquilo que pode ser feito a nível governamental ou das instituições. O próximo capítulo é dedicado a esses aspetos.

5. Uma abordagem político-educacional: propostas para o futuro

O caminho que a Língua Portuguesa irá seguir irá depender não só dos seus profissionais ou da vontade chinesa em continuar a aprender este idioma, mas também da vontade das instituições em investir no ensino do português. Ao nível institucional, diversas universidades chinesas têm protocolos com instituições de ensino superior portuguesas ou brasileiras. De um modo geral, os alunos chineses têm de cumprir um dos anos da licenciatura (no total de quatro) no estrangeiro. Tem sido uma forma muito importante de inserir os alunos num contexto de imersão que permite elevar o seu conhecimento da língua, para além de dar a conhecer uma realidade nova e distinta da sua. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tem programas de intercâmbio com a Universidade de Estudos Estrangeiros de

¹⁷ A compra da EDP por parte da China Three Gorges é sintomática disso mesmo.

Cantão, a Universidade Normal de Harbin, a Universidade Sun Yat-Sen, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, a Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang, entre outras (FLUL 2018). O Politécnico do Porto firmou em 2014 um acordo com a Universidade de Zhengzhou tendo como objetivo a mobilidade de professores e alunos. Ficou igualmente acordado que a instituição chinesa terá de promover a língua e cultura portuguesas. Em sentido contrário, o Politécnico terá de divulgar a língua e cultura chinesas (Porto Canal 2014). Em setembro do ano passado, o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP) e o Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES) da Região Administrativa Especial de Macau firmaram um protocolo que ajudará alunos chineses a matricularem-se nas universidades portuguesas com maior facilidade. A proposta permite aos estudantes candidatarem-se a instituições de ensino superior em Portugal através dos resultados nos exames de acesso macaenses (DN 2017). Estes exemplos, de entre muitos outros, permitem-nos compreender que há já um trabalho feito a nível institucional que permite criar uma base importante para futuros acordos. Contudo, ainda há um caminho a percorrer que depende da vontade do governo português.

Em primeiro lugar, é necessário, que aquilo que foi acordado entre o CCISP e o GAES sirva de exemplo para que possa ser aplicado ao território da China Continental. Voltando ao caso da língua espanhola, em 2007 o *Memorando de Entendimiento en Materia Educativa y del Acuerdo de Reconocimiento de Títulos y Diplomas* permitiu o reconhecimento recíproco de títulos, diplomas e graus académicos entre Espanha e a China. Este memorando não só torna o ingresso nas universidades espanholas por parte de alunos chineses mais fácil, mas também leva à possibilidade de as universidades de ambos os países desenharem planos e programas de estudos uniformizados (Martínez & Marco 2010, p. 13). Assim, é fundamental que o mesmo exemplo seja seguido por forma a responder à crescente procura dos chineses por cursos em Portugal. De um ponto de vista político e da própria imagem do país, trata-se de algo que apenas nos beneficiaria a longo-prazo.

Em segundo lugar, o Estado português tem de estar disposto a investir na língua portuguesa. Isto significa que deve haver uma tomada de consciência de que o mercado chinês é, provavelmente, um dos mais promissores no que diz respeito à aprendizagem de línguas estrangeiras. Essa potencial estratégia deverá assentar, em primeiro lugar, no envio de mais leitores do Instituto Camões. A presença destes profissionais dará importância ao processo de alargamento do estudo do português e uma imagem

importante junto das autoridades e universidades chinesas: Portugal quer ajudar os jovens chineses. Como consequência, o facto de pertencerem à mesma instituição pode levar à melhoria da comunicação interinstitucional, algo que é uma das grandes deficiências apresentadas pelo sistema de ensino superior chinês. A distribuição desses leitores também deverá ser bem analisada, procurando superar os constrangimentos geográficos que a China apresenta. Contudo, também será necessário considerar o número de alunos e universidades em cada região de forma a que a distribuição seja o mais equitativa possível.

Em terceiro lugar, o governo português terá de fazer um esforço adicional para garantir um espaço para a cultura lusófona. Neste momento, a língua portuguesa carece de um centro de língua capaz de responder aos problemas enfrentados por professores e alunos. A inexistência de tal espaço deixa-nos numa situação precária quando comparamos com o espanhol ou francês que já têm os seus centros em diversas partes da China. No caso da língua portuguesa, seria fundamental começar por Pequim e, pouco a pouco, estender esta rede de centros até Xangai e Cantão. A esta questão podemos associar os materiais didácticos, pois é relevante para este debate a renovação dos materiais usados pelos professores e alunos. O governo, junto com as editoras, deve compreender que o mercado chinês pede cada vez mais livros de qualidade e que sirvam para abordar diversas situações, desde a preparação para exames oficiais passando por uma melhor adequação dos livros a um país que tem um conjunto de regras e códigos sociais únicos.

Por último, muitos dos alunos formados nas universidades chinesas não se encontram preparados para o mercado de trabalho. Para muitos, o seu futuro passará pela tradução ou interpretação. Outros quererão prosseguir os seus estudos como forma de entrarem na carreira de professor. No entanto, muitos não poderão seguir este caminho e o mercado necessita de uma grande variedade de profissionais. Tal significa que será necessário criar condições para que os estudantes possam ter formação em áreas consideradas estratégicas para a Iniciativa Faixa e Rota. Tal análise não poderá esquecer a importância de dar a conhecer a nossa cultura e a nossa história e sempre com a participação dos nossos parceiros da CPLP. Apenas desta forma será possível quebrar barreiras existentes relativamente às sociedades lusófonas e facilitará o processo de integração dos futuros imigrantes chineses em Portugal.

Como nota final, gostaria de deixar claro que tudo aquilo que for projectado para o futuro da língua portuguesa em território chinês deverá

ter em consideração que a China lida com os diferentes Estados em pé de igualdade. Por outras palavras, qualquer acção promovida pelo governo português tem de ter em consideração que não nos encontramos numa posição de superioridade face a qualquer um dos parceiros lusófonos. O reconhecimento desta realidade facilitará a nossa abordagem em qualquer situação em que a cooperação entre os países da CPLP seja fundamental para extrair o máximo benefício dos contactos com Pequim. Por vezes, há a tendência de olhar para os outros de forma sobranceira, resquícios de uma visão colonialista que não têm qualquer valor num mundo cada vez mais pós-ocidental.

Referências

- Alliance Française. (2017). *Alliance Française de la Chine*. Disponível em: <<http://www.afchine.org/fr>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- AFP. (2014). World's longest rail route to boost China-Spain trade. *South China Morning Post*. Disponível em: <<https://www.scmp.com/business/china-business/article/1660256/worlds-longest-rail-route-boost-china-spain-trade>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Boboc, G. (2018). Macron and May: A Tale of China Visits. *The Diplomat*. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2018/02/macron-and-may-a-tale-of-2-china-visits/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Brautigam, D. (2009). *The dragon's gift: the real story of China in Africa*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Breeze, V. & Moore, N. (2017). China has overtaken the US and UK as the top destination for anglophone African students. *Quartz*. Disponível em: <<https://qz.com/1017926/china-has-overtaken-the-us-and-uk-as-the-top-destination-for-anglophone-african-students/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Camões Instituto da Cooperação. (2018). *Onde estamos? – China*. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/activity/onde-estamos/china>>.
- Cánovas, M.S. (2017). Los desequilibrios comerciales entre China y España. Se necesita cambiar de estrategia. *El Debate hoy*. Disponível em: <<https://eldebatedehoy.es/economia/comercio-china-y-espana/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Chabal, P., Birmingham, D. & Forrest, J. (2002). *A History of Postcolonial Lusophone Africa*. Londres, Inglaterra: Hurst & Company.
- China Daily. (2017a). Rise in number of foreign students reflects country's bright prospects. *China Daily*. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2017-10/24/content_33637493.htm>. Acedido em: 30 jul. 2018.

- China Daily. (2017b). Over 500 Confucius Institutes founded in 142 countries, regions. *China Daily*. Disponível em: <http://www.chinadaily.com.cn/china/2017-10/07/content_32950016.htm>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Clarke, M. (2017). The Belt and Road Initiative: China's new grand strategy?. *Asia Policy* 24(1), 71-79. *National Bureau of Asian Research*. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/666556>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Clausewitz, Carl von. (2008). *On War*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Diário de Notícias. (2017). Instituto Português do Oriente cria balcão para apoiar chineses que querem estudar em Portugal. *Diário de Notícias*. Disponível em: <<https://www.dn.pt/lusa/interior/instituto-portugues-do-oriente-cria-balcao-para-apoiar-chineses-que-querem-estudar-em-portugal-8614054.html>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Ekapija. (2017). Construction of Chinese cultural center in New Belgrade begins - Investment worth EUR 45 million. *Ekapija*. Disponível em: <<https://www.ekapija.com/en/news/1825123/construction-of-chinese-cultural-center-in-new-belgrade-begins-investment-worth-eur>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- El País. (2017). Los hispanohablantes asciende ya a 572 millones de personas. *El País*. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2017/11/27/actualidad/1511805887_509321.html>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Ewertowski, T. (2017). Northeast China as a Contact Zone in Polish and Serbian Travelogues, 1900-1939. *Colloquia Humanistica*, 6(1), 23-44. Varsóvia, Polónia: Colloquia Humanistica.
- FLUL (2016). *Português Língua Estrangeira na China: "Foi o português que me escolheu a mim"*. Disponível em: <<http://www.letras.ulisboa.pt/pt/noticias/646-portugues-lingua-estrangeira-na-china-foi-o-portugues-que-me-escolheu-a-mim>> Acedido em: 01 ago. 2018.
- Fernandes, M. G. G. (2017). *Aprendizagem do Português Língua Estrangeira por Alunos Chineses: Culturas, Representações e seus Impactos na Motivação* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa).
- Gaddis, J. L. (2009). *What Is Grand Strategy?*. Apresentado na Karl Von Der Heyden Distinguished Lecture. Duke University, Durham, Estados Unidos da América. Disponível em: <http://tiss-nc.org/wp-content/uploads/2015/01/KEYNOTE_Gaddis50thAniv2009.pdf>.
- Hart, B. H. L. (1967). *Strategy*. (2ª ed.) New York, Estados Unidos da América: Frederick A. Praeger Publishers.
- Instituto Cervantes (2017). *Instituto Cervantes de Pekín*. Disponível em: <<http://pekin.cervantes.es/es/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Instituto Português do Oriente (2017). *IPOR*. Acedido em: 30 jul. 2018: <http://ipor.mo/>.
- Kagan, D. (2005). *The Peloponnesian War*. (1ª ed.) London, Inglaterra: Harper Perennial.

- Lu, J. (2015). Métodos según las necesidades del alumnado: la enseñanza de ELE en China. *Universidade de Estudos Internacionais de Xangai*. Disponível em: <<http://es.shisu.edu.cn/resources/news/content1915>>. Acedido em: 06 ago. 2018.
- Kaplan, S. (2018). China is investing seriously in Latin America. Should you worry?. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2018/01/24/china-is-investing-seriously-in-latin-america-should-you-worry/?noredirect=on&utm_term=.0d42ac8e508d>. Acedido em: 30 jul. 2018
- Kennedy, P. (1990). *The Rise and Fall of the Great Powers*. New York, Estados Unidos da América: Random House.
- Leitão, L. (2016). O “crescimento exponencial” do português. *Revista do Ensino Superior de Macau*, 14(3), 54-57. Disponível em: <<http://www.gaes.gov.mo/images/hemag/images/books/book28/pdf/54-57.pdf>>. Acedido em: 02 ago 2018.
- Ma, X., Yu, D., Yang, J. & Zhou, J. (2017). SISU sets up Polish language program to enhance European studies. *SISU News*. Disponível em: <<http://en.shisu.edu.cn/resources/news/sisu-sets-up-polish-language-program-to-enhance-european-studies>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Macauhub. (2018). China financia construção de Parque Industrial de Processamento da Madeira em Moçambique. *Macauhub*. Disponível em: <<https://macauhub.com.mo/pt/2018/06/19/pt-china-financia-construcao-de-parque-industrial-de-processamento-da-madeira-em-mocambique/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Martínez, C. M. & Marco, J. L. (2010). La enseñanza del español en China: Evolución histórica, situación actual y perspectivas. *Revista Cálamo FASPE*, 56(1), 3-14.
- Ministry of Education. (2016). China to strengthen language and regional study cooperation with Serbia. *Ministry of Education of the People's Republic of China*. Disponível em: <http://en.moe.gov.cn/News/Top_News/201610/t20161013_284758.html>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Pardo, R. P. (2017). Spain and Asia: Harnessing trade, soft power and the EU in the Asia-Pacific Century. *Real Instituto Elcano*. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_en/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_in/zonas_in/spanishforeignpolicy/ari61-2017-pachecopardo-spain-asia-harnessing-trade-soft-power-asia-pacific-century>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Parker, C. (2017). China's Xi Jinping defends globalization from the Davos stage. *World Economic Forum*. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2017/01/chinas-xi-jinping-defends-globalization-from-the-davos-stage/>>. Acedido em: 06 ago. 2018.
- Pereira, B. F. (2015). Relações entre Portugal e a República Popular da China. *Relações Internacionais* 10(2), 65-73.

- Peskine, L. (2008). La place de la langue française en Chine: un article de Chine informations. *Association des Professeurs de Langues Vivantes*. Disponível em: <<http://www.aplv-languesmodernes.org/spip.php?article1696>>. Acedido em: 02 ago. 2018
- Pestana, L. (2013). *O Consenso de Beijing em África: um modelo para Angola?* (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa).
- Pestana, L. (2017). O Apoio Institucional no Ensino de PLE - um estudo comparativo. *VI Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Escola Superior de Educação de Santarém. Santarém, Portugal.
- Pigato, M. & Gourdon, J. (2014). The Impact of Rising Chinese Trade and Development Assistance in West Africa. *Africa Trade Practice Working Paper Series* (4). Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/pt/589771468139789266/pdf/883490NWP0Box30a0Report0May2302014.pdf>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Porto Canal. (2014). Politécnicos do Porto assina protocolo da colaboração com universidade chinesa. *Porto Canal*. Disponível em: <<http://portocanal.sapo.pt/noticia/20946>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Público. (2017). Em sete anos haverá 50 “universidades chinesas com portugueses”. *Público*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/07/30/sociedade/noticia/em-sete-anos-havera-50-universidades-chinas-com-portugues-1780800>>. Acedido em: 30 jul. 2018
- Sarmiento, A. (2018). Quem é a China Three Gorges?. *Jornal Económico*. Disponível em: <<http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/quem-e-a-china-three-gorges-305613>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Sayle, T. A. (2011). Defining and Teaching Grand Strategy. *The Telegram* (4). Disponível em: <https://www.fpri.org/docs/media/201101.sayle_teachinggrandstrategy.pdf>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Study in Poland. (2016). Over 57 119 international students in Poland. *Study in Poland*. Disponível em: <<http://studyinpoland.pl/en/index.php/news/43-over-57-119-international-students-in-poland>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Sun Tzu. (2006). *A Arte da Guerra*. (1ª ed.) Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.
- Surk, B. (2017). As China Moves In, Serbia Reaps Benefits, With Strings Attached. *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/09/09/world/europe/china-serbia-european-union.html>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- State Council. (2017). Further cooperation to boost China-Spain ties. *The State Council - The People's Republic of China*. Disponível em: <http://english.gov.cn/premier/news/2017/05/13/content_281475654268042.htm>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Tian, S. H. (2015). Chronology of China's Belt and Road Initiative. *Xinhuanet: English.news.cn*. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2015-03/28/c_134105435.htm>. Acedido em: 30 jul. 2018.

- Torres, C. & Woods, R. (2018). China Is Boosting Ties in Latin America. Trump Should Be Worried. Bloomberg. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-01-03/china-is-boosting-ties-in-latin-america-trump-should-be-worried>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Tucídides. (2008). *História da Guerra do Peloponeso*: Trad. David Martelo. (1ª ed.) Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.
- Van Leijen, M. (2017). New rail freight services between Europe-China. RailFreight.com. Disponível em: <<https://www.railfreight.com/corridors/2017/10/17/new-rail-freight-services-between-europe-china/>>. Acedido em: 30 jul. 2018.
- Wang, S. (2001). A Língua Portuguesa na China. *Cadernos de PLE*, 1(1), 165-192.
- Xi, J. (2013a, 7 de setembro). *Promote Friendship Between Our People and Work Together to Build a Bright Future* [Transcrição]. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjdt_665385/zyjh_665391/t1078088.shtml>. Acedido em: 14 jan. 2019.
- Xi, J. (2013b, 2 de outubro). *Speech by Chinese President Xi Jinping to Indonesian Parliament* [Transcrição]. Disponível em: <https://reconasia-production.s3.amazonaws.com/media/filer_public/88/fe/88fe8107-15d7-4b4c-8a59-0feb13c213e1/speech_by_chinese_president_xi_jinping_to_indonesian_parliament.pdf>. Acedido em: 14 jan. 2019.
- Xi, J. (2017, 14 de maio). *Work Together to Build the Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road* [Transcrição]. Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2017-05/14/c_136282982.htm>. Acedido em: 14 jan. 2019.
- Yuan, S. (2014). *O Ensino da Língua Portuguesa na China: Uma Análise de Alguns Planos Curriculares* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa).
- Zhang, L. (2017). Chronology of China's Belt and Road Initiative. China.org.cn. Disponível em: <http://www.china.org.cn/china/2017-01/05/content_40044651.htm>. Acedido em: 14 jan. 2018.

[recebido em 18 de agosto de 2018 e aceite para publicação em 23 de fevereiro de 2019]